



**MORTALIDADE DE AVES E SUÍNOS DURANTE TRANSPORTE E MANEJO
PRÉ-ABATE: ESTUDO BASEADO EM DADOS OFICIAIS DO SIF (2022–2025)
POULTRY AND SWINE MORTALITY DURING TRANSPORT AND PRE-SLAUGHTER
HANDLING: A STUDY BASED ON OFFICIAL SIF DATA (2022–2025)**

João Victor Félix Ribeiro¹

Fernanda Marcia Gouveia¹

Felipe Coser Chow²

INTRODUÇÃO: A mortalidade de animais durante o transporte e o manejo pré-abate é um importante indicador de falhas no bem-estar animal, refletindo em perdas econômicas, produtivas e impactos éticos na produção animal. Em aves e suínos, fatores como densidade de carga, tempo de transporte, condições climáticas e manejo influenciam diretamente a ocorrência de mortes antes da insensibilização. Em frangos de corte, o transporte é uma etapa crítica devido à alta sensibilidade às variações térmicas, sendo o microclima nos caminhões um dos principais determinantes da mortalidade, influenciado pela densidade de carga, duração e horário da viagem (Schwartzkopf-Genswein et al., 2012; Caffrey et al., 2017). Nos suínos, além dos fatores ambientais, destaca-se a Síndrome do Estresse Suíno (PSS), que pode resultar em hipertermia maligna e morte súbita durante o manejo e transporte (O'Brien, 1999). Os registros oficiais da Plataforma de Gestão Agropecuária/Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal (PGA-SIGSIF) permitem avaliar padrões temporais e regionais da mortalidade pré-abate em estabelecimentos registrados no Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) do Ministério da Agricultura (MAPA) (Faucitano, 2018). Assim, este estudo objetivou analisar a mortalidade de aves e suínos durante o transporte e o manejo pré-abate no Brasil, entre 2022 e 2025. **MATERIAL E MÉTODOS:** Estudo quantitativo, descritivo e retrospectivo, baseado na análise de dados secundários oficiais do Ministério da Agricultura e Pecuária, obtidos no Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal, referentes à mortalidade de aves e suínos durante o transporte e o manejo pré-abate no Brasil, no período de 2022 a 2025. Foram incluídos estabelecimentos sob SIF com registros completos das categorias “morto no transporte” e “morto no pré-abate”. Os dados foram organizados por espécie, estado, região e ano, considerando o total de animais abatidos e o total de mortes no transporte e manejo pré-abate. As análises descritivas

¹ Graduandos do curso de Medicina Veterinária, PUC Minas.

² Docente do curso de Medicina Veterinária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

contemplaram a mortalidade total, anual e regional, expressa como percentual em relação ao total abatido, utilizando o software Excel®. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** No período de 2022 a 2025, observou-se comportamento distinto entre frangos de corte e suínos, tanto em termos absolutos, quanto relativos ao total de animais abatidos. Para os frangos de corte, o total de mortes registradas antes do abate foi considerável, somando 24.002.922 aves durante o transporte e 7.648.225 no manejo pré-abate (Figura 1).

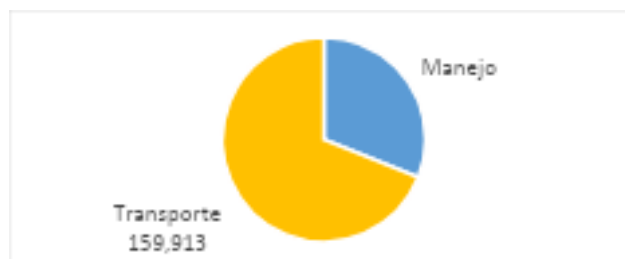
Figura 1: Gráfico demonstrando a quantidade de mortes de frangos no transporte e no período pré-abate, no Brasil durante o período de 2022 a 2025.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do PGA-SIGSIF.

A maior concentração de mortes no transporte evidencia que essa etapa representa o principal ponto crítico para a mortalidade pré-abate em aves, corroborando estudos que destacam a alta sensibilidade dessa espécie a fatores como densidade de carga, ventilação inadequada, tempo de viagem e estresse térmico (Nijdam et al., 2004; Oba et al., 2009). A combinação desses fatores pode levar a distúrbios fisiológicos severos, culminando em mortalidade ainda antes da chegada ao abatedouro. Em suínos, embora os valores absolutos sejam significativamente menores, a mesma tendência foi observada (Figura 2), com 159.913 mortes no transporte e 71.893 no manejo pré-abate entre 2022 e 2025.

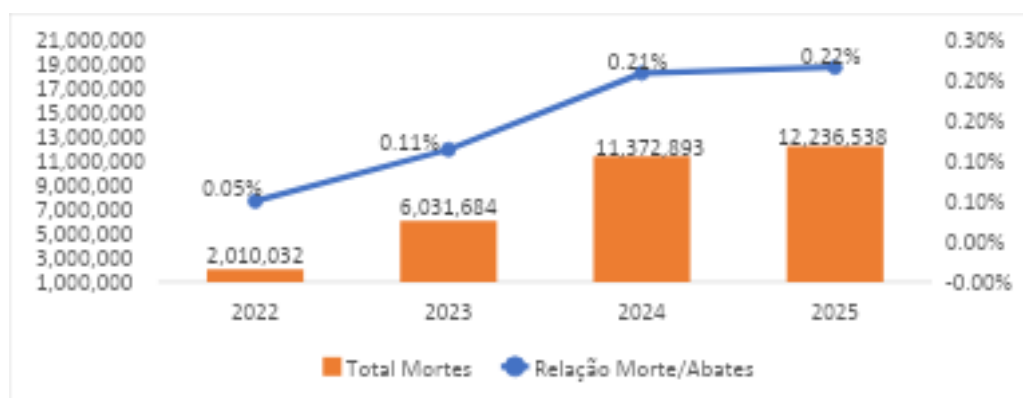
Figura 2: Gráfico demonstrando a quantidade de mortes de suínos no transporte e no período pré-abate, no Brasil durante o período de 2022 a 2025.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do PGA-SIGSIF.

Esse padrão também é descrito na literatura, que associa a mortalidade no transporte ao estresse físico, fadiga, interações sociais negativas, condições ambientais desfavoráveis e maior duração das viagens (Warriss et al., 1992; Vitali et al., 2014). A análise temporal da mortalidade total de frangos (transporte e pré-abate) demonstrou crescimento expressivo ao longo do período (Figura 3), passando de 2.010.032 mortes em 2022 para 12.236.538 em 2025. A proporção dessas mortes em relação ao total de aves abatidas aumentou de 0,05% para 0,22%, representando crescimento superior a 300%.

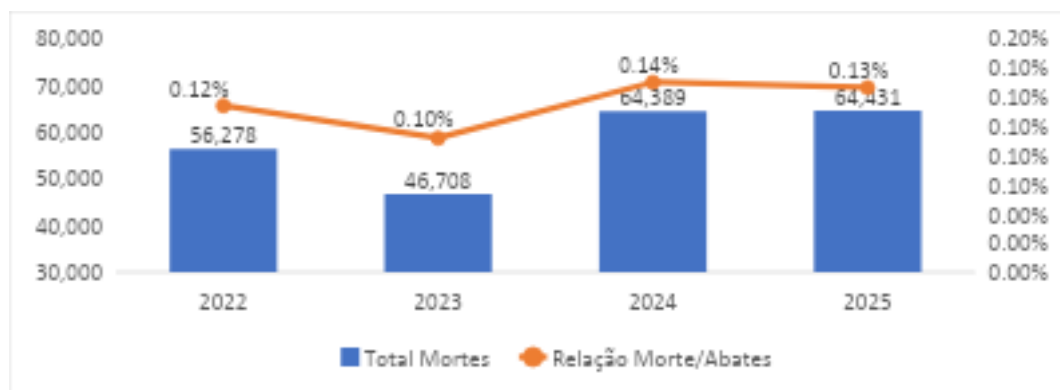
Figura 3: Gráfico demonstrando a quantidade total de frangos mortos durante o transporte e no período pré-abate (barras) e percentual dessas mortes em relação ao total de frangos abatidos (linha) no Brasil, entre 2022 a 2025.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do PGA-SIGSIF.

Esse aumento pode estar associado à intensificação da produção avícola brasileira, que eleva o volume de aves transportadas e fatores de risco como densidade nas caixas e tempo de transporte (Vecerek et al., 2016), bem como à maior ocorrência de temperaturas elevadas nos últimos anos, que intensificam o estresse térmico durante o transporte (Liu et al., 2020). Esse cenário resulta em milhões de aves mortas, configurando relevante problema de bem-estar animal e perdas econômicas para a indústria avícola (Vecerek et al., 2016). Para os suínos, a mortalidade total apresentou comportamento mais estável (Figura 4), variando entre 46.708 mortes em 2023 e 64.431 em 2025, com percentuais entre 0,10% e 0,14% em relação ao total abatido.

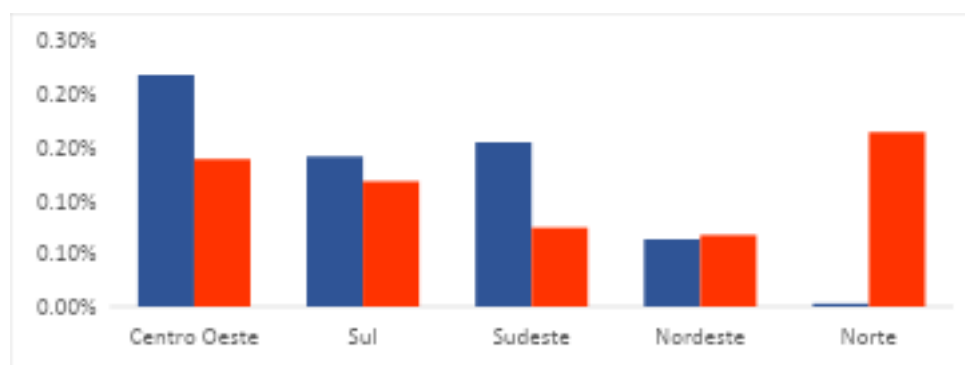
Figura 4: Gráfico demonstrando a quantidade total de suínos mortos durante o transporte e no período pré-abate (barras) e percentual dessas mortes em relação ao total de frangos abatidos (linha) no Brasil, entre 2022 a 2025.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do PGA-SIGSIF.

Apesar da ausência de tendência clara de crescimento, esses valores representam milhares de animais mortos anualmente antes do abate, refletindo falhas no manejo pré-abate e impactos diretos sobre o bem-estar animal (Vitali et al., 2014). A distribuição regional da mortalidade revelou diferenças importantes (Figura 5). Em frangos, os maiores percentuais foram observados no Centro-Oeste (0,22%) e Sudeste (0,15%), enquanto o Nordeste apresentou os menores valores (0,06%). Em suínos, o maior percentual ocorreu na região Norte (0,16%), seguido pelo Centro-Oeste (0,14%).

Figura 5: Gráfico demonstrando o percentual de mortes totais (transporte e manejo pré-abate de 2022 a 2025) de frangos e suínos em relação ao total de animais abatidos por região do Brasil.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do PGA-SIGSIF.

Essas variações regionais podem estar associadas a diferenças climáticas, distâncias médias de transporte, infraestrutura viária e práticas de manejo pré-abate, fatores reconhecidos como determinantes da mortalidade pré-abate (Warriss et al., 1992; Averós et al., 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Os dados oficiais do SIF evidenciam que a mortalidade durante o transporte e o manejo pré-abate de aves e suínos, embora apresentada em percentuais relativamente baixos, representa perdas absolutas expressivas e importante comprometimento do bem-estar animal.

O aumento observado especialmente na avicultura ao longo do período analisado reforça a necessidade de melhorias nas condições de transporte, manejo e infraestrutura pré-abate. O monitoramento contínuo desses indicadores é fundamental para subsidiar ações voltadas à redução de perdas, ao aprimoramento do bem-estar animal e à adoção de boas práticas de manejo em toda a cadeia produtiva. Assim o estudo fornece um panorama estruturado, que pode auxiliar empresas, auditores fiscais e pesquisadores na compreensão da ocorrência de mortes no transporte e pré-abate.

Palavras-chave: bem estar animal; carne; produção; logística animal.

Keywords: animal welfare; meat; production; logistics.

REFERÊNCIAS

- AVERÓS, X.; KNOWLES, T. G.; BROWN, S. N.; WARRISS, P. D.; GOSÁLVEZ, L. F. **Factors affecting the mortality of pigs being transported to slaughter.** *The Veterinary Record*, v. 163, n. 13, p. 386–390, 2008.
- CAFFREY, N. P. et al. **Factors associated with mortality of pigs during transport to slaughter in Canada.** *Preventive Veterinary Medicine*, v. 148, p. 1–7, 2017.
- FAUCITANO, L. et al. **Preslaughter handling practices and their effects on animal welfare and pork quality.** *Animals*, v. 8, n. 10, p. 1–22, 2018.
- LIU, L. et al. **Effects of heat stress on broiler performance: a systematic review and meta-analysis.** *Poultry Science*, v. 99, n. 11, p. 6203–6212, 2020.
- NIJDAM, E. et al. **Factors influencing bruises and mortality of broilers during catching, transport and lairage.** *Poultry Science*, v. 83, n. 9, p. 1610–1615, 2004.
- OBA, A. et al. **The effect of management of transport and lairage conditions on broiler breast meat quality and DOA (death on arrival).** *Brazilian Archives of Biology and Technology*, v. 52, p. 205–211, 2009.
- O'BRIEN, P. J. **Porcine stress syndrome.** In: O'BRIEN, P. J. *Diseases of Swine*. 8th ed. Ames: Iowa State University Press, 1999. p. 757–776.
- SCHWARTZKOPF-GENSWEIN, K. S. et al. **Transport of cattle and pigs in North America.** *Meat Science*, v. 92, n. 3, p. 227–239, 2012.
- VECEREK, V. et al. **Negative trends in transport-related mortality rates in broiler chickens.** *Asian-Australasian Journal of Animal Sciences*, v. 29, n. 12, p. 1796–1804, 2016.
- VITALI, A. et al. **Analysis of factors associated with mortality of heavy slaughter pigs during transport and lairage.** *Journal of Animal Science*, v. 92, n. 11, p. 5134–5141, 2014.
- WARRISS, P. et al. **Longer journeys to processing plants are associated with higher mortality in broiler chickens.** *British Poultry Science*, v. 33, n. 1, p. 201–206, 1992.

